

RESENHA

*Carlos Augusto Dias**

MERRILL, Eugene H. **Teologia Bíblica do Antigo Testamento**. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. 624 p.

Eugene H. Merrill é professor de Antigo Testamento no Seminário Teológico de Dallas e professor visitante de Interpretação do Antigo Testamento no Seminário Teológico Batista do Sul, em Louisville, Kentucky. Formado na Universidade Bob Jones (Estudos do Antigo Testamento), Universidade de Nova York (Estudos Judaicos) e Universidade de Columbia (Estudos do Oriente Médio), Merrill é considerado uma das maiores autoridades entre os eruditos do Antigo Testamento nos Estados Unidos.

Essa obra foi publicada recentemente em inglês (2006), tendo sido lançada poucos anos depois em português pela editora Shedd Publicações (2009). Está disponível no Brasil outro livro do autor, *História de Israel* (CPAD), que tem por foco uma introdução à história e desenvolvimento da nação judaica.

Teologia Bíblica do Antigo Testamento contém vinte capítulos divididos em seis seções – Introdução: origem, natureza e condição atual da teologia bíblica do Antigo Testamento; 1) Deus: sua pessoa e obras; 2) A humanidade: a imagem de Deus; 3) O reino de Deus; 4) Os profetas e o reino; 5) Reflexões humanas a respeito dos caminhos de Deus.

Sua proposta passa pelo estudo da teologia bíblica seguindo a ordem canônica da versão hebraica e respeitando o princípio da revelação progressiva. Para o autor, a teologia bíblica não é conflitante com a teologia dogmática; antes, elas são complementares. Sua abordagem entende que “a teologia do Antigo Testamento... é direcionada às questões que a nação israelita levantou a respeito de sua situação, suas raízes históricas” (p. 38).

* O autor é formado em teologia pelo Seminário Bíblico Palavra da Vida (1999) e cursa o mestrado em Estudos Bíblico-Hermenêuticos (Antigo Testamento) no CPAJ. Leciona em três seminários e é membro da Igreja Batista Pedras Vivas, em São Paulo.

A primeira parte faz uma introdução bem organizada e documentada sobre a origem e o desenvolvimento da teologia bíblica do Antigo Testamento. Nela são apresentados os pressupostos e base argumentativa do autor: 1) Deus existe e revela-se a si mesmo; 2) A Bíblia é a palavra de Deus escrita que revela os propósitos de Deus ao ser humano; 3) A revelação de Deus nas Escrituras é coerente e télica. Merrill conclui com uma explanação da pessoa de Deus, suas obras, a humanidade feita à imagem de Deus, e o reino, onde ocorre o programa cooperativo de Deus com o homem.

Segue-se então a primeira seção do livro – “Deus: sua pessoa e sua obra” (caps. 2-5). O capítulo 2 apresenta a pessoa de Deus, alguns de seus atributos, sua natureza e seu caráter. O terceiro capítulo ensina como Deus se revelou no Antigo Testamento usando diversas formas distintas (e.g., sonhos, visões, seres celestiais). O capítulo 4 apresenta as obras de Deus, divididas em quatro grandes eventos: criação – a partir dos textos de Gênesis (1-3) e Isaías (40-55); julgamento – tal como no Éden, Dilúvio, Babel e Egito; salvação e livramento – os atos salvíficos de Deus quanto a Israel e a redenção da humanidade, com ênfase na redenção efetuada no Egito e na futura redenção escatológica. O capítulo 5 encerra esta seção ao descrever os propósitos de Deus para Israel neste mundo. Aqui o autor identifica o princípio unificador do Antigo Testamento: o reinado soberano de Deus. Sua argumentação baseia-se em dois eventos: a criação e a escolha de Israel com porta-voz de Deus.

A segunda parte do livro, intitulada “A humanidade: a imagem de Deus” (caps. 6-9), descreve o papel do ser humano na esfera soberana de Deus. No capítulo 6 há uma extensa descrição a respeito do homem, sua natureza e seus diversos relacionamentos (comunidade, tribo, nação e humanidade). Para Merrill o conceito de imagem e semelhança com Deus é manifesto quando o homem governa sobre a criação à semelhança do governo soberano de Deus no universo. O capítulo 7 discorre a respeito da queda e suas consequências para a humanidade, descrevendo o evento, seus personagens, sua possibilidade e resultados para o homem e a criação. O capítulo 8 aborda a redenção da humanidade através do sistema de sacrifícios do Antigo Testamento e das alianças que Deus fez com alguns personagens em Gênesis, destacando sua importância para Israel e conseqüentemente para a humanidade. O capítulo seguinte explica a criação de Israel como nação escolhida por Deus, sua formação como nação no Egito, a libertação da escravidão e a aliança sinaítica.

A terceira seção é intitulada “O reino de Deus” (caps. 10-14). Aqui Merrill mostra como os autores do Antigo Testamento abordaram o conceito do reino. No capítulo 10 há uma introdução ao tema ao se abordar a adoração realizada nos lugares sagrados (e.g., o Éden, altares, o templo de Salomão). É feito um estudo da mediação do reino por meio da aliança com Israel, apontando-se como as nações pagãs resistiram ao reino. O capítulo 11 descreve a relação entre Deus e Israel usando os conceitos dos tratados de suserania,

suas semelhanças e diferenças, com destaque para os Dez Mandamentos e as especificações gerais do povo da aliança (Êx 25-40). O capítulo seguinte aborda a teologia de Deuteronômio, suas estipulações e importância para a segunda geração, e sua implementação na cerimônia descrita nos capítulos 28 a 30 daquele livro.

A partir do capítulo 13, Merrill aborda a chamada história deuteronomística através dos livros históricos (Josué a 2 Reis). Os fatos históricos são relacionados em sua conformidade ou não com as estipulações descritas em Deuteronômio, como, por exemplo: Josué – os preparativos para a conquista; 1 e 2 Samuel – a introdução da monarquia. O capítulo 14 continua a abordagem dos livros históricos (Crônicas a Ester) seguindo o mesmo padrão do capítulo anterior e enfatiza as diferenças existentes entre os livros de Reis e Crônicas, os aspectos teológicos de Esdras e Neemias e mostra como, em Ester, Deus cuidou soberanamente de seu povo no reinado da Pérsia.

A quarta seção do livro lida com a abordagem teológica nos profetas (caps. 15-17). A exposição segue basicamente o seguinte padrão: 1) apresentação do profeta e seu ministério; 2) o desafio à soberania de Deus nos reinos idólatras; 3) o abandono e a violação da aliança; 4) o julgamento das nações, 5) o julgamento de Israel e Judá e 6) sua futura restauração. O capítulo 15 descreve os profetas do 8º século (Amós, Oséias, Jonas, Isaías e Miquéias). Como intercessores de Deus, advertem a respeito das consequências da violação da lei e anunciam as promessas de futura restauração do reino por meio da dinastia davídica. Continuando em sua abordagem, o capítulo subsequente analisa os profetas do período anterior ao exílio e os que viveram no exílio (Jeremias, Naum, Habacuque, Zacarias e Ezequiel), destacando o livro de Jeremias e a futura restauração de Israel prometida na Nova Aliança. O capítulo 17 termina esse ciclo com a apresentação dos profetas pós-exílicos (Daniel, Joel, Obadias, Ageu, Zacarias e Malaquias), com ênfase em Daniel e em sua comparação do reino de Nabucodossor com o reino dos céus apresentado e prometido por Deus, e em Zacarias e seu ensino a respeito do futuro Messias.

A quinta seção do livro intitula-se “Reflexões humanas a respeito dos caminhos do Senhor” e aborda o livro poético (cap. 18 – Salmos) e os de sabedoria (cap. 19 – Jó, Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos). Os salmos são apresentados como uma resposta do ser humano ao Senhor diante das circunstâncias da vida. De forma organizada o autor expõe os aspectos teológicos (e.g., Deus como Rei e a humanidade como os súditos do Rei, a vida no reino). O capítulo seguinte trata da teologia nos livros de sabedoria e suas reflexões de sabedoria no cotidiano. Em Jó há uma explanação do sofrimento humano e a atuação soberana de Deus. Provérbios mostra como a sabedoria se baseia na Torá e elabora a sua essência, expressões e função. Já em Eclesiastes, a abordagem aparentemente humanista expõe a futilidade da vida sem Deus, tendo sentido somente a partir de um relacionamento pessoal

com ele. O capítulo se encerra com uma breve explanação do livro de Cantares e sua relevância para a teologia do Antigo Testamento. O último capítulo do livro resume todo o processo que Merrill seguiu no livro (e.g., pressupostos, metodologia teológica, centro teológico). Nas suas últimas páginas o autor faz uma ponte para o Novo Testamento, destacando a importância do Antigo Testamento para a compreensão do Novo.

Podemos concluir que esta obra de Eugene Merrill é um excelente manual de teologia bíblica do Antigo Testamento. O autor tem um tema bem definido e o desenvolve com maestria. Sua leitura é agradável, acessível, cativante e desafiadora. Apesar de em alguns momentos o livro ser repetitivo, essa ênfase contribui para a solidificação do seu argumento. Na medida do possível, ele restringe sua abordagem ao Antigo Testamento, ao mesmo tempo em que entende que sem o Novo ele é uma parte incompleta da revelação de Deus.

O autor aborda de modo excessivamente resumido alguns temas importantes para a teologia do Antigo Testamento. Por exemplo, as alianças e seu conceito em Israel poderiam ter sido mais bem explorados. Outro problema é a tradução do título em português, fazendo com o que o livro perca um pouco do seu atrativo, já que em inglês o título reflete melhor aonde o autor pretende chegar – *Everlasting Dominion: An Introduction to Biblical Theology* (Domínio eterno: introdução à teologia bíblica). Há ainda outro detalhe negativo, que é a ausência dos índices remissivo, onomástico e dos textos bíblicos existentes na versão em inglês. Porém, esses detalhes não comprometem a obra como um todo. Por sua forma clara e direta, esta obra contribui para a abordagem da teologia bíblica do Antigo Testamento, e sua leitura e estudo serão de grande valia para o estudante de teologia de língua portuguesa.